

O PERFIL DO TEÓLOGO HOJE

Urbano Zilles

Resumo

O objetivo deste artigo é traçar um perfil do teólogo católico que hoje atua na universidade dentro das complexas relações profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Pluralismo teológico. Universidade. Ensino. Pesquisa. Liderança.

Abstract

This article aims to outline an image of the catholic theologian working today at the university with its complex professional relations.

KEYWORDS: *Theological pluralism. University. Teaching. Investigation. Leadership.*

O papel do teólogo católico tem mudado muito através do tempo. No início do cristianismo, cabia-lhe uma dupla função: sistematizar criticamente a doutrina e traduzi-la para os homens da cultura da época. Até ao final da Idade Média, opiniões e discussões realizam-se sob a unidade do *corpus christianum*. Com a Reforma, o próprio cristianismo ocidental torna-se plural. Até certo ponto, cada teólogo é portador de uma situação cultural, social e eclesial constituída por influências complexas.

Na Antiguidade e no Medievo, as discussões entre as diferentes Escolas realizavam-se em referência a certos pontos em comum. Definiam-se os conceitos e um podia dizer ao outro por que compartilhava as suas ideias. A terminologia, os pressupostos filosóficos, o ambiente cultural e de percepção da vida ocorriam sobre um fundo comum.

Nos tempos modernos, o teólogo católico defronta-se com uma dupla mudança. Por um lado, com os novos desafios colocados pelas descobertas geográficas e a revolução científica; por outro, a Teologia, no Ocidente, está marcada pela Contra-reforma, até ao Concílio Vaticano II. Quem olha a revolução do trabalho teológico, depois do Vatica-

no II, pode ter a impressão de que encontra muito discurso e poucos fatos consistentes. A vida real dos cristãos carece da reflexão teológica criativa. No período pós-conciliar, surgiu uma sucessão de Teologias radicais: Teologia da morte de Deus, Teologia da esperança, Teologia da libertação, Teologia feminista... A multiplicidade de perspectivas e a pluralidade de métodos criou um panorama de Teologias ambíguas e fragmentadas.

O Iluminismo criou, na Igreja Católica, uma situação de vazio, de falta de referenciais comuns, apoiando-se no sobrenaturalismo, no autoritarismo, no pietismo... Refugiando-se num mundo virtual, de doutrinas abstratas, distantes da realidade concreta do mundo, nem todos os teólogos respondem às atuais questões colocadas pela Filosofia e pela cultura determinada pela tecnociência, sobretudo na América Latina, com seus graves problemas sociais. Fica um espaço vazio que favorece, por um lado, o novo ateísmo e, por outro, um fideísmo frágil. Essa pluralidade de Teologias contemporâneas tem pouco diálogo entre si, nem sempre com a tradição e, raramente, com o mundo atual.

O pluralismo de Teologias, nem sempre bem-fundamentadas na Bíblia, na Tradição da Igreja e no senso de fé dos fiéis, defronta-se com o pensamento oficial da Igreja. Não se pode negar a importância do Vaticano II para a Igreja, mas é indiscutível que, no mundo acadêmico, diminuiu a credibilidade, não só da Igreja, mas também a dos teólogos, quando continuam a usar conceitos metafísicos como se fossem unívocos (transubstanciação, moral *natural*, etc.), quando rompem a fidelidade à Tradição e ao Magistério, não só de hoje, mas também ao de ontem. O pluralismo teológico, em princípio, não suprime a função do Magistério nem a unidade na profissão da fé. Para a imagem pública da Igreja e a manutenção da própria unidade da fé, é indispensável a tradução da consciência de fé para dentro das novas culturas. Essa tarefa exige que Magistério e teólogos unam forças e esforços. Por outro lado, os teólogos precisam precaver-se para não transformar hipóteses ou interesses ideológicos em dogmas.

O atual pluralismo teológico difere, portanto, qualitativamente do medieval. Novos saberes fragmentam a visão do mundo. A confrontação e o diálogo do pensamento cristão já constituído com este mundo novo demoram. Desapareceu o referencial comum da linguagem, da Filosofia e do próprio conceito de ciência. A metafísica é questionada por diferentes correntes filosóficas, perdendo sua evidência. Cabe, em primeiro lugar, ao teólogo tentar construir pontes entre passado, presente

e futuro, e traduzir, sem trair, a identidade cristã para o mundo em rápidas e permanentes mudanças, consciente de suas limitações.

1 Contexto histórico

Ainda no início do novo milênio, urge que o teólogo faça uma análise crítica das transformações, sem cair nas armadilhas dos discursos sem fundamento racional nem vinculadas ao conteúdo da fé. O teólogo hoje circula em diferentes contextos institucionais. É entrevistado pelos jornais de circulação diária, revistas, rádios, televisão, publicações científicas, associações nacionais e internacionais de pesquisadores, nas instituições de ensino e, sobretudo, nas universidades.

O contexto universitário é, sem dúvida, um dos mais privilegiados, pois a Filosofia e a Teologia são a matriz geradora da universidade medieval. Na universidade formam-se os profissionais e a inteligência crítica de amanhã. Nela organizam-se programas de pós-graduação nas diversas áreas de conhecimento, também em Teologia e Ciências da Religião. Para que esses programas cumpram sua finalidade, não basta um corpo docente titulado, mas este deve ser altamente produtivo. Sua produção deve ser de qualidade e de relevância religiosa e social. Para que os doutores tenham condições de produzir pesquisas relevantes, dispõem de regime de tempo integral e infraestrutura adequada os teólogos como os colegas de outras áreas.

Nesse contexto universitário desenvolvem-se relações complexas e diversificadas. O teólogo não se deve isolar, mas dialogar; acompanhar o que acontece em sua área de conhecimento e nas outras, sobretudo nas afins. O professor de Teologia não pode limitar-se ao ensino, pois este é condição necessária mas não suficiente. A rigor, para merecer o título de teólogo, não basta ter diploma e lecionar. É preciso publicar regularmente, servindo de exemplo e estímulo aos jovens alunos. É preciso iniciar e acompanhar jovens na pesquisa e na orientação para a vida.

Ao lado dos cursos de graduação em Teologia, no Brasil, surgiram, nas últimas décadas, cursos de pós-graduação *lato sensu*, também chamados de especialização, e os *stricto sensu*, que são o Mestrado e o Doutorado em Teologia. A implantação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* modifica profundamente o panorama nacional no campo da educação, também na Teologia. Está chegando a hora em que não mais se podem improvisar cursos livres de Teologia, sob pena de este profissional não ser mais levado a sério pelos colegas de outras áreas do conhecimento.

Todas essas transformações modificaram profundamente as funções e o perfil do teólogo. Constatamos que, para ser professor de Teologia, hoje é preciso atualizar-se sempre. Do atual professor de Teologia exige-se um desdobramento de esforços: preparar e dar aulas, coordenar projetos de pesquisa, publicar livros e trabalhos, participar em eventos científicos, buscar recursos financeiros em agências de fomento, etc. Sabiamente a legislação brasileira exige, não só titulação dos docentes, mas, nas universidades, um terço deles deve ter regime de tempo integral.

O teólogo católico deve sentir-se livre para pesquisar. A *Ex corde ecclesiae* assegura: “A Igreja, aceitando ‘a legítima autonomia da cultura humana e especialmente das ciências’, reconhece também a liberdade acadêmica de cada um dos estudiosos na disciplina da sua competência, de acordo com os princípios e os métodos da ciência, a que ela se refere, segundo as exigências da verdade e do bem comum” (n. 29). E logo explicita que também os teólogos, “desde que adiram a tais princípios e apliquem o seu método respectivo, gozam da mesma liberdade acadêmica”.

2 Perspectiva internacional

No contexto da globalização, é preciso que também o teólogo rompa as fronteiras individuais e institucionais dentro da internacionalização dos saberes e das profissões. O teólogo provinciano ou da enxada não tem mais vez, pois nem seu povo o ouvirá. A Teologia encontra-se no contexto da nova cultura, marcada pelas conquistas da tecnociência, que supera os limites de países e continentes. A cultura do saber é internacional. Como em todas as áreas do conhecimento, além de saber as línguas bíblicas, o teólogo deveria saber usar as línguas internacionais das ciências (inglês, alemão, francês, ...). Infelizmente os teólogos da América Latina resistiram muito à internacionalização que já ocorria no campo das ciências. O teólogo deve enriquecer seus conhecimentos através da participação nos eventos das associações da área: Programas de Pós-Graduação (ANPTECRE), SOTER, Biblistas, Moralistas, Canonistas, etc.

3 Produção intelectual do teólogo

Cada vez mais o papel do teólogo torna-se imprescindível para a vida da Igreja e da sociedade. Não basta repetir doutrinas e fórmulas

dogmáticas, oferecendo respostas a perguntas hoje não-feitas. Sua missão na Igreja é buscar respostas para problemas novos e velhos à luz da fé e da razão em comunhão com a hierarquia. Se a fé é condição necessária para fazer Teologia, isto não significa que é suficiente. O teólogo deve buscar “as razões de sua fé” (*IPd* 3, 15), no mundo de hoje, com discernimento crítico, uma plausibilidade racional da fé, falar com coerência do Deus testemunhado pelas Sagradas Escrituras. Age como “homem de Igreja” mais do que como pensador individual. Mesmo tratando do mistério de Deus, o teólogo não se pode furtar às exigências da racionalidade crítica.

Ser teólogo significa, pois, exercer uma atividade profissional de responsabilidade eclesial e social. A avaliação qualitativa e quantitativa, feita por colegas e órgãos especializados do MEC, de nossa produção intelectual, fornece-nos uma ideia mais clara quanto à relevância do que fazemos. Nos últimos tempos, surgem novos territórios para a reflexão teológica, como a ecologia, as éticas aplicadas (bioética), as consequências da tecnociência, etc. O teólogo precisa coragem de participar na investigação de novos campos relevantes para o ser humano em nosso planeta. Por outro lado, há temas que sempre permanecem atuais: o discurso sobre Deus, a relação entre fé e razão, o significado da investigação científica e técnica para o homem, a ética... No discurso à UNESCO, em 02/06/1980, João Paulo II afirmou: “É essencial convencer-mos da prioridade da ética sobre a técnica, do primado da pessoa sobre as coisas, da superioridade do espírito sobre a matéria. A causa do homem só será servida, se o conhecimento estiver unido à consciência. Os homens da ciência só ajudarão realmente a humanidade, se conservarem o sentido da transcendência do homem sobre o mundo e de Deus sobre o homem” (citado em *Ex corde ecclesiae*, n. 18).

O docente de pós-graduação precisa de regime de tempo integral para produzir com qualidade e relevância. Como qualquer profissional, também o teólogo necessita de condições: infraestrutura e tempo disponível para produzir seriamente, para publicar artigos em coletâneas, em revistas especializadas e anais de Congressos. Isso dá visibilidade e permite confrontar nossa produção com a de outros especialistas em outros lugares. O livro de um único autor na área das ciências humanas, também na Teologia, não deve ser negligenciado, pois, embora mais esporádico que os artigos, o livro ainda é o melhor meio para um trabalho mais completo sobre determinado tema.

4 O ensino de Teologia

Com a formação de especialistas (mestres e doutores), o ensino tornou-se mais especializado, desenvolvendo a capacidade de produção intelectual a partir da pesquisa. O aluno deve aprender a buscar, ele mesmo, as respostas aos novos problemas. É fundamental que o docente inicie o aluno da graduação na pesquisa, pois, no final do curso de graduação, este deverá produzir um trabalho de conclusão como resultado de uma pesquisa desenvolvida e orientada por um professor, que deveria ser um pesquisador. Por isso cada docente do *stricto sensu* deveria ter seu projeto de pesquisa, envolvendo alunos de graduação.

O ensino superior passou por mudanças profundas. Se, outrora, se esperava que o professor fosse conferencista com informações organizadas, que seu discurso em sala de aula fosse rico em expressão oral, hoje se espera um discurso metodológico e teoricamente orientado, com vocabulário apropriado, dialogando com os alunos, por demonstrações metodologicamente corretas. O jovem estudante de Teologia, desde cedo, é estimulado a sair de sua escuta passiva, a participar dos debates suscitados, a sistematizar e organizar seus conhecimentos, a consultar as fontes, a analisar textos.

Nos cursos de pós-graduação, o aluno espera que o professor o introduza em questões atuais, aprofundando-as e confrontando as soluções com a tradição e a realidade do mundo de hoje, para formar pesquisadores e qualificar recursos humanos de alto nível. Por isso o professor deve acompanhar de perto as pesquisas de seus orientandos, não como um favor, mas como um dos seus deveres fundamentais.

Embora por vezes pouco valorizada, a extensão é uma das funções mais elementares do professor universitário, partilhando uma cultura geral de sua área de atuação a públicos mais amplos, através das atividades de extensão. Essa atividade é importante para divulgar o trabalho do teólogo e da sua instituição. Representa, também, um caminho natural para despertar novas vocações para a Teologia.

5 O teólogo na universidade

A Teologia é atividade da fé e da razão. A busca do *intellectus fidei* implica, embora não exclusivamente, o pensar filosófico. A Filosofia desempenha uma dupla função relativamente à Teologia: hermenêutica e maiêutica. A raiz da Teologia é a fé. Quando se reduz a simples ideologia,

faltar-lhe-á a insubstituível função crítica e libertadora que justifica sua presença no mundo universitário.

O teólogo precisa interpretar a experiência humana à luz da fé em Deus, mostrar que a existência humana não se reduz à racionalidade imanente. No mundo atual, o teólogo necessita do diálogo entre a Teologia e a Ciência, sabendo que a Teologia deve respeitar a autonomia da ciência e esta a da Teologia. Isso significa que uma não deve querer instrumentalizar a outra ou confundir uma com a outra. Para dialogar com a Ciência e a Filosofia contemporâneas, pressupõe-se uma razão aberta e capaz de articular a questão de Deus. Deus não é nem pode ser uma fórmula científica. Deus é um mistério, não um “objeto” do nosso conhecimento.

A Teologia ajuda o homem na busca de sentido: sentido do mundo, sentido da vida e sentido de si mesmo. A questão do sentido afeta a Ciência, mas não pode ser respondida por ela mesma. Esta é uma questão do domínio do saber, não do cálculo, pois transcende todas as questões às quais a Ciência possa responder.

A relação da Ciência e da sabedoria permanece como problema constitutivo da Teologia. Por isso o teólogo deve saber expressar-se em linguagem rigorosa, mas inteligível; constantemente deve realizar sua própria crítica. É mistagógica e, ao mesmo tempo, busca permanente da mais justa linguagem. A exigência crítica complementa a exigência mistagógica. Quando falta a inteligência crítica, cria-se espaço para fideísmos frágeis, fanatismos e fundamentalismos.

O professor de Teologia católica deve conhecer os documentos da Igreja, sua doutrina, mas não pode ficar alheio às transformações que ocorrem no mundo intelectual e na sociedade. Quando o curso de Teologia funciona numa universidade católica, esta deve ter sua identidade e missão: ser “uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e o desenvolvimento da dignidade humana e para a herança cultural, mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços prestados às comunidades locais, nacionais e internacionais. Ela goza da autonomia institucional que é necessária para cumprir as suas funções, com eficácia, e garante aos seus membros a liberdade acadêmica na salvaguarda dos direitos do indivíduo e da comunidade no âmbito das exigências da verdade e do bem comum” (*Ex corde ecclesiae*, n. 12).

O docente de Teologia, numa universidade confessional e comunitária, tem uma responsabilidade não somente eclesial mas também

intelectual, na qualificação dos recursos humanos, sobretudo nos seus livros e artigos, que figurarão nas prateleiras das bibliotecas e circularão nas mãos dos leitores da universidade e fora dela, nas palestras e na relações professor-aluno. Através da pesquisa, cabe-lhe não só interpretar corretamente a doutrina da Igreja, mas apontar-lhe novos caminhos na sociedade atual, abrindo novos horizontes aos profissionais dos diversos e múltiplos saberes. Como os colegas de outras áreas do conhecimento, também o teólogo não se pode contentar com a assimilação e reprodução dos conhecimentos já adquiridos, mas deve ocupar-se com a aplicação desses saberes aos novos problemas científicos e práticos e refletir sobre possíveis consequências.

8 O teólogo: um líder universitário

O docente de Teologia na universidade deve cultivar relações, não só com seus alunos e colegas, mas também com os colegas de outras áreas e de outras instituições. Deve mostrar competência e liderança nas atividades no seu campo especializado de saber. Como líder, assume a função de orientador das pesquisas individuais de graduandos, mestrandos e doutorandos, coordena as atividades de seu grupo, incentivando os membros, sendo um agente de mudanças e um elo de ligação entre os diversos setores da universidade.

Na universidade, o teólogo deve ser um líder intelectual cristão, por seu saber e sua maneira de ser. Para tanto, deve desenvolver certas qualidades e habilidades no exercício de suas funções acadêmicas e administrativas, relevantes para a sociedade. Citamos algumas qualidades que, segundo Peter Hünermann, deveriam caracterizá-lo:

1. Deve ser um *homo doctus*. Para isso deve ter o domínio em sua área de conhecimento, a capacidade e a competência de participar nas discussões científicas. Somente a competência em sua área de conhecimento lhe garantirá respeito e autoridade perante os colegas. Nessa perspectiva cabe-lhe tratar a Teologia como *scientia*, com o rigor dos diferentes métodos.
2. Deve ser um *homo eruditus*. É necessário ser especialista, mas isto não é suficiente. Do docente de Teologia espera-se que tenha sólida formação geral e humana, em permanente atualização. Os problemas de sua área específica sempre o confrontarão com áreas vizinhas. Precisa saber buscar informações em fontes confiáveis para uma visão mais global,

alargando e aprofundando horizontes interdisciplinares. Deve saber conduzir o diálogo entre fé e razão.

3. Deve ser um *homo habilis*. A formação geral e cristã não dispensa o bom senso para as coisas de Deus e dos homens. Deve ser *homo habilis* para falar, escrever e agir, apresentando perspectivas para ser cristão no mundo de hoje e capacidade crítica para rejeitar projetos inviáveis na diagnose e solução de problemas concretos.
4. Deve ser um *homo publicus*. Deve ter consciência de que suas ações e palavras e seu modo de ser exercem influências sobre o pensamento e o comportamento de outras pessoas, sobretudo dos alunos. Como professor deve ser educador, conduzindo e orientando os alunos com autoridade, sem ser autoritário. Para desenvolver suas habilidades, participa em associações de classe, integrando-se no espaço público. Na era da globalização, a responsabilidade pública de seus atos e de suas palavras ultrapassa as fronteiras de um país ou de uma cultura.
5. Deve ter pressupostos pessoais, éticos e religiosos, pois impende-lhe ser um *homo fidelis*, um homem crente. O docente de Teologia, como em outras áreas de conhecimento, deve ter capacidade para inovar e criar, a competência para liderar e orientar. Isso exige pressupostos interiores e espirituais – *sacra docens et sacra dicens* – que fecundam a racionalidade e a competência adquirida. Sua ética não se pode limitar ao interesse pessoal. O fundamento do *ethos* do teólogo é a fé em Deus e nele fundamenta seu esforço para renovar o mundo. A fé, a esperança e a caridade capacitam o teólogo a assumir sua missão com coragem e o dispõem a colaborar na construção de um mundo melhor, mais fraterno, mais justo, mais humano e mais cristão.
6. Peter Hünermann diz que deve ser também um *homo praeditus sapientia*, ou seja, um homem sábio no sentido em que Tomás de Aquino diz na *quaestio prima* da *Summa Theologiae*: a “Teologia é doutrina segundo a revelação divina”, caracterizando-a, depois, como sabedoria. Trata-se de ordenar, julgar e buscar uma visão de conjunto das coisas na perspectiva de Deus (*S. Th.* 1, q. 1 a. 3 a 8).
7. O teólogo é para a Igreja, para as comunidades e para a hierarquia, ou seja, é e deve ser um *homo ecclesiasticus*, um homem

para a Igreja. Hünemann assevera que “é a racionalidade da fé eclesial”, como testemunhada desde o começo e se desenvolveu na história do povo de Deus.

Referências

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. *Instrução sobre a vocação do teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II. Constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas (*Ex corde ecclesiae*), de 15/8/1990.

_____. Constituição Apostólica *Sapientia Christiana*, de 15/4/1979.

_____. Concílio Vaticano II. Declaração sobre a Educação Católica *Gravissimum educationis*.

HÜNERMANN, Peter. Was heisst ES heute Theologe zu sein? *Theologische Quartalschrift*, v. 183, p. 239-246, 2003.